



É de conhecimento geral que a população brasileira está envelhecendo a passos largos, sendo que em poucas décadas teremos a quinta maior população de idosos do mundo. Segundo a definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), em nosso país, consideramos idosos aqueles indivíduos que possuem 60 anos ou mais de idade.

Em razão do grande impacto social, o envelhecimento tem sido cada vez mais abordado em todos aspectos. Temos o Dia Nacional do Idoso (27 de setembro), o Estatuto do Idoso (sancionado em outubro de 2003), leis específicas para instituições geriátricas, iniciativas de organizações não-governamentais (ONGs) e particulares, como as universidades para terceira idade, centros-dia, centros de convivência, programas de assistência domiciliar, grupos de terceira idade, entre vários outros. Sob o ponto de vista acadêmico-científico, o desenvolvimento também tem sido muito significativo. Cada vez mais universidades apresentam programas específicos para o estudo do envelhecimento, inseridos formalmente na graduação, assim como na pós-graduação. Sociedades científicas também vêm se desenvolvendo nesta área, como exemplo, podemos citar a Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), que conta com o Departamento de Cardiogeriatrics (Decage), assim como outros que se dedicam ao estudo de doenças típicas desse grupo etário, como o de hipertensão, aterosclerose e insuficiência cardíaca. Vale ressaltar também o importante papel da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e de suas regionais.

O envelhecimento está associado ao aumento progressivo da prevalência da hipertensão arterial. Estimamos em mais de 60% a prevalência de hipertensão na população idosa brasileira, valor que pode ser ainda maior se avaliarmos os indivíduos muito idosos: octogenários e nonagenários. A elevação da pressão arterial está associada de forma importante ao aumento de eventos cardiovasculares, tanto em idosos como nos muito idosos. Sabe-se também que esses eventos apresentam maiores morbidade e mortalidade em idosos.

A hipertensão arterial é, portanto, o principal fator de risco cardiovascular modificável em idosos e justifica um número desta revista totalmente dedicado ao assunto. Com muito orgulho, aceitei o desafio de editar este número, em conjunto com os renomados autores dos artigos, aos quais agradeço a dedicação e parabéns pelo resultado. Procuramos identificar os tópicos de maior relevância para a clínica diária, fazendo com que o tema fosse desenvolvido por meio de uma leitura agradável, assim como apresentando um impacto prático.

Roberto Dischinger Miranda

Editor convidado